



Campanhas preparam mobilização nas ruas

Flávio promete grande manifestação no domingo, na Avenida Paulista. No mesmo dia, no Rio de Janeiro, apoiadores de Lula querem encher a Candelária e Copacabana

» VICTOR CORREIA
» RAFAELA BOMFIM*

A campanha do presidencial Flávio Bolsonaro (PL) reagiu às recentes manifestações de rua a favor do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e convocou uma série de atos da direita até o segundo turno. O principal ocorrerá domingo, na Avenida Paulista, em São Paulo, onde começou a mobilização petista, no último fim de semana.

Em publicação nas redes sociais, ontem, Flávio chamou a manifestação de Bloco da Vitória, ao lado do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), e do prefeito da capital paulista, Ricardo Nunes (MDB). “Domingo, nós temos um compromisso: o compromisso de fazermos o maior ato da Avenida Paulista”, cobrou Nunes.

A manifestação foi anunciada pela primeira vez por Flávio no domingo, logo após apoiadores de Lula lotarem sete quarteirões da Paulista. A força das manifestações recentes a favor do presidente acendeu o alerta na campanha do candidato do PL. Além de São Paulo, lulistas ocuparam a orla de Copacabana, no Rio de Janeiro, e realizaram atos em 11 capitais, inclusive Brasília, na terça-feira. A expectativa dos bolsonaristas, no entanto, é de alcançar ou mesmo superar o número de manifestantes mobilizados pela esquerda.

A onda de manifestações pró-Lula foi uma reação à passagem ao segundo turno atrás do filho 01 de Jair Bolsonaro. O atual presidente teve 45% dos votos, contra 47% de Flávio. Até então, o petista era cotado como favorito na disputa, apesar da margem apertada de votos.

No domingo, Lula participou pessoalmente da manifestação na Paulista e discursou em cima de um trio elétrico. Com fôlego renovado e militância mobilizada, a campanha petista manterá a intensidade dos eventos até o segundo turno. Ontem, o ministro da Secretaria-Geral da Presidência, Guilherme Boulos, liderou um ato em Goiânia. Hoje, há um ato em apoio à reeleição marcado em Florianópolis.

Convocação

Também para o próximo domingo, o cantor e compositor Caetano Veloso convocou um ato musical em defesa da democracia na praia de Copacabana, no mesmo dia do “Blocão” de Flávio. Também está prevista uma manifestação estudantil em apoio a Lula, às 11h, na região da Igreja da Candelária, no Centro da capital fluminense. A

Vittor Sales/Campanha Flávio Bolsonaro



Coordenação de Flávio impressionou-se com as manifestações pró-Lula e contra-atacará da mesma forma

Ricardo Stuckert/Campanha Lula



Ato de domingo na Paulista pela recondução do presidente foi considerado o maior da atual campanha eleitoral

convocação nas redes sociais incentivou os participantes a seguirem dali até Copacabana para participar dos dois atos.

A ofensiva bolsonarista é chefiada pelo deputado federal reeleito Nikolas Ferreira (PL-MG) e foi batizada de Bloquinho 22. O último ato será na véspera do segundo turno, no Rio de Janeiro, berço político do clã Bolsonaro. A manifestação terminará na casa do ex-presidente, segundo o parlamentar mineiro. Jair cumpre prisão domiciliar

por ter estado à frente de uma quadrilha que tentou dar um golpe de Estado, em 2022. Ele foi condenado a 27 anos e três meses de detenção pelo Supremo Tribunal Federal.

Em mais um dia de campanha, Flávio esteve ontem no Rio Grande do Sul e prometeu que, se eleito, promoverá obras de combate a enchentes em Porto Alegre e de ajuda aos agricultores afetados pelas inundações de 2024. Acompanhado do governador gaúcho eleito, Luciano Zucco (PL), disse

também que pretende retomar a ligação ferroviária entre estados das regiões Centro-Oeste e Sul.

“Vamos retomar o financiamento aos agricultores que perderam suas terras, retomar a estratégia de ferrovias. Está em nosso plano de governo a conclusão da malha ferroviária que vem do Centro-Oeste para os três estados da região Sul”, disse. (Com Agência Estado)

*Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi

» NYT adverte sobre aliança

Uma vitória de Flávio Bolsonaro na disputa presidencial representa um avanço para Donald Trump na América Latina. Em análise publicada na edição de ontem, o *The New York Times* aponta o Brasil com a peça que falta na expansão da rede de governos alinhados aos Estados Unidos. Segundo o jornal, Flávio manifestou interesse em aproximar o Brasil das estratégias de Trump. O diário lembra que, em 2025, o senador sugeriu que veria com bons olhos uma intervenção militar dos EUA no Brasil. “Embora tenha negado isso em entrevistas recentes, afirmando que a cooperação se limitaria à área de inteligência. Foi Flávio quem pressionou Trump para que o Primeiro Comando da Capital e Comando Vermelho fossem classificados terroristas”, afirmou o jornal.

Senador confirma ida a debate

» DANANDRA ROCHA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o senador Flávio Bolsonaro estarão frente a frente, pela primeira vez, em um debate eleitoral. Será domingo, na Band, a partir das 20h. No primeiro turno da corrida presidencial os dois não participaram de nenhum confronto entre candidatos — somente de sabatinas individuais.

A participação dos dois, no entanto, esteve ameaçada. Na terça-feira, Flávio havia anunciado que não compareceria ao debate, enquanto Lula confirmara a presença. Depois da manifestação do presidente, o senador publicou um vídeo nas redes sociais e anunciou de ter recuado da desistência, afirmando que tratava-se de uma estratégia para forçar o adversário a comparecer.

Flávio, porém, evitou transparecer que a pressão das redes sociais e o formato do debate o levaram a confirmar a participação. Assim que anunciou que não enfrentaria

Lula no domingo, as redes de apoio à reeleição do presidente fizeram várias postagens ironizando o senador — nas críticas mais amenas era chamado de “fujão”. Além disso, a Band deixou claro que manteria o púlpito destinado ao presidencial do PL vazio, algo que daria a possibilidade de Lula aumentar a intensidade dos ataques e de seus adversários usarem a imagem para desgastar o senador a poucos dias do segundo turno.

Mas, desde o começo da campanha presidencial, tanto Flávio quanto Lula têm deixado claro o desconforto com os debates — e por isso os evitaram ao longo do primeiro turno. No debate da Band de 23 de agosto, eles não compareceram — mas lá estiveram Ronaldo Caiado (PSD), Renan Santos (Missão) e Augusto Cury (Avante), sendo que Romeu Zema (Novo) desistiu horas antes. Lula alegou que não queria enfrentar vários adversários em condições que considerava desfavoráveis. Já o senador

justificou as ausências dizendo que não participaria de confrontos sem a presença do petista, pois sua meta era debater diretamente com o presidente.

A ausência dos dois também marcou outros encontros previstos para a primeira etapa da disputa. Mas, no debate da TV Globo, em 1º de outubro, Flávio desistiu em cima da hora, depois que o ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal, em resposta a um pedido de tutela de urgência impetrada pelo partido Missão, determinou que Renan deveria estar no evento — que vinha sendo, no espectro da direita, um crítico feroz do senador. O recuo de Flávio levou a emissora a suspender o debate alegando interferência da Justiça. Mesmo assim, Caiado, Cury, Zema e Renan estavam à disposição para participar do encontro.

No mesmo horário em que seria o debate da Globo, Lula deu uma entrevista de mais de duas horas ao Flow Podcast.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Voto de assalariado e empreendedor acirra disputa do 2º turno

A 10 dias da eleição, Luiz Inácio Lula da Silva e Flávio Bolsonaro disputam os corações e os bolsos de assalariados e empreendedores. A pesquisa Quast divulgada ontem mostra Flávio com 46% das intenções de voto e Lula com 44%, um empate técnico dentro da margem de erro de dois pontos. Outros 9% declaram voto branco, nulo ou disposição de não votar — apenas 1% está indeciso. A eleição continua aberta, mas não há eleitores disponíveis em grandes proporções. Convencer alguém a trocar de candidato ou a comparecer às urnas exige mais do que reafirmar as convicções dos convertidos.

Lula procura deslocar o confronto para o terreno onde sempre nadou de braçada: o mundo do trabalho. Ao transformar o fim da escala 6 x 1 numa bandeira central, tenta substituir o plebiscito sobre seu governo por uma escolha sobre o futuro dos trabalhadores. Descanso, convivência familiar e tempo para estudar são questões compreensíveis para quem passa seis dias por semana trabalhando e ainda enfrenta longos deslocamentos. A proposta permite ao presidente apresentar uma mudança concreta, apesar de ocupar o cargo e carregar o desgaste da situação.

O debate também cria dificuldades para Flávio. Não se pode dizer que é uma proposta que saiu do nada. Trata-se de uma bandeira do Movimento Vida Além do Trabalho (VAT), criado pelo ex-balconista de farmácia Rick Azevedo, vereador do PSol recém-eleito deputado federal. Em 2023, ele publicou um vídeo no TikTok relatando o cansaço e a rotina exaustiva da escala de seis dias de trabalho para um de descanso.

Ao recuar da resistência e declarar apoio com ressalvas, Flávio procura evitar que Lula monopolize uma reivindicação popular. Entretanto, precisa conciliar esse movimento com os interesses de empregadores preocupados com custos e contratação. Apoiar a proposta reduz o espaço para o ataque petista, mas transfere a disputa para sua execução: quando entraria em vigor, quais seriam as regras de transição e como preservar empregos e salários?

Com isso, a tramitação no Senado virou uma espécie de Batalha de Itararé. Em outubro de 1930, tropas revolucionárias vindas do Sul, lideradas por Getúlio Vargas e por Miguel Costa, pretendiam invadir o estado de São Paulo pela cidade de Itararé, na divisa com o Paraná. Do outro lado, forças do Exército, da Força Pública paulista e voluntários leais ao presidente Washington Luís postaram-se para conter o avanço. Pouco antes do grande combate, um golpe de Getúlio depôs Washington Luís, em 24 de outubro de 1930, e a ordem de combate foi cancelada.

O fim da escala de 6 x 1 enfrentava forte resistência da oposição no Senado, que queria adiar a votação para depois das eleições. O presidente da Casa, Davi Alcolumbre (União-AP), decidiu colocá-la em votação nesta semana. Flávio e a bancada do PL recuaram da posição e decidiram apoiar a proposta. O avanço oferece a Lula uma oportunidade de mobilização, mas o novo direito ainda não estará assegurado para todos os assalariados. A oposição pretende mitigar a decisão ao regulamentar a nova jornada.

Jovens e idosos

Em outra frente de batalha, Flávio construiu fortes vínculos com os empreendedores, ao associar prosperidade ao esforço individual e apresentar o Estado como obstáculo. Nesse segmento, vence por larga margem. Lula tenta romper essa identificação com medidas que falam diretamente ao caixa dos pequenos negócios. O pacote anunciado nesta semana pelo Palácio do Planalto inclui proposta de transferência de até R\$ 5 mil para investimentos e perdão de R\$ 12,6 bilhões em dívidas de 3,6 milhões de MEIs.

Politicamente, Lula tenta superar um ponto fraco de seu governo. Defender programas sociais não basta para conquistar quem deseja deixar de precisar deles. Esse eleitor pode ter origem popular, utilizar serviços públicos e, ao mesmo tempo, rejeitar uma identidade fundada na carência. Quer reconhecimento como alguém capaz de produzir, contratar e crescer.

É um equívoco interpretar essa aspiração apenas como adesão ideológica aos ricos ou uma traição à consciência de classe. Nem todo MEI é bolsonarista, porém, em localidades com forte presença de microempreendedores, Flávio venceu por boa margem. Religião, renda, segurança e experiência de vida também influenciam esses resultados.

Jovens e idosos atravessam essas duas frentes. Entre os primeiros, a promessa de tempo para estudar dialoga fortemente com o desejo de abrir um negócio e conquistar independência. Para os mais velhos, pesam mais a segurança da renda, o custo dos medicamentos, o endividamento familiar e a estabilidade dos benefícios. Lula tenta oferecer respostas imediatas, numa fronteira sinuosa entre medidas populistas e o abuso de poder. Flávio procura preservar sua força eleitoral, adquirida com a identificação com quem considera excessivos os impostos e insuficientes as respostas do governo Lula.

Do ponto de vista objetivo, porém, Lula e Flávio precisam explicar como financiar suas promessas. É preciso demonstrar que as propostas cabem nas contas públicas — ou seja, combinar redução de tributos, equilíbrio fiscal e preservação de direitos. Assalariados e pequenos empreendedores desejam trabalhar sem viver permanentemente no sufoco. Em quatro anos de governo, para a maioria dos eleitores, Lula não conseguiu transformar proteção em perspectiva de ascensão, o que promete agora.

Flávio acerta a mão ao associar autonomia econômica à segurança pública, entretanto, carrega um passivo histórico por suas relações com as milícias.